

OBJETIVO MÍDIO
HORROR AO

Lula apela por crianças israelenses e palestinas

Presidente diz ser urgente que a comunidade internacional e o secretário-geral da ONU se mobilizem por uma intervenção humanitária e pelo cessar-fogo em Gaza

» INGRID SOARES

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez um apelo ao secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, e à comunidade internacional a favor das crianças israelenses e palestinas feitas reféns na guerra entre o grupo extremista Hamas e Israel.

“Crianças jamais poderiam ser feitas de reféns, não importa em que lugar do mundo. É preciso que o Hamas liberte as crianças israelenses que foram sequestradas de suas famílias. É preciso que Israel cesse o bombardeio para que as crianças palestinas e suas mães deixem a Faixa de Gaza através da fronteira com o Egito. É preciso que haja um mínimo de humanidade na insanidade da guerra”, pediu. O petista havia sido criticado por não mencionar diretamente o grupo Hamas ao condenar os ataques terroristas.

Lula destacou ser urgente que a comunidade internacional se mobilize por uma intervenção humanitária e pelo cessar-fogo na Faixa de Gaza e apontou que o Brasil, à frente da presidência rotativa do Conselho de Segurança da ONU, se juntará aos esforços para que “cesse de imediato e em definitivo o conflito”. Também frisou que o país “continuará trabalhando pela promoção da paz e em defesa dos direitos humanos no mundo”.

“Lancemos mão de todos os recursos para pôr fim à mais grave violação aos direitos humanos no conflito no Oriente Médio”, escreve nas redes sociais.

O chefe do Executivo conversou ontem, por telefone, com o presidente dos Emirados Árabes Unidos, Mohammed bin Zayed Al Nahyan. Segundo o Palácio do Planalto, Lula afirmou ser necessário encontrar uma solução amigável para o conflito

Ricardo Stuckert / PR



O presidente Lula enfatizou ser preciso “que haja um mínimo de humanidade na insanidade da guerra”



Lancemos mão de todos os recursos para pôr fim à mais grave violação aos direitos humanos no conflito no Oriente Médio”

Luiz Inácio Lula da Silva,
presidente da República

entre Israel e Palestina, trabalhar em conjunto pela paz e evitar mortes, especialmente de civis, mulheres e crianças. “O diálogo abordou uma série de tópicos cruciais para a estabilidade da região e a busca por uma solução pacífica”, informou, em nota.

“Os dois líderes reconheceram a importância da ajuda humanitária de ambos os países e a necessidade de se concentrar em aliviar o sofrimento das comunidades afetadas pelos bombardeios recentes. Em um esforço para evitar uma escalada adicional da situação, concordaram em trabalhar em conjunto para promover a paz e a estabilidade na região”, acrescentou.

Na ocasião, Mohamed bin Zayed ressaltou a importância de

líderes globais trabalharem em conjunto para conter a crise na região, expressou preocupações e desejou uma boa recuperação ao petista, que foi operado no quadril.

Ainda segundo a assessoria palaciana, Lula parabenizou Mohamed bin Zayed pela ajuda humanitária aos palestinos e propôs uma colaboração intensificada no Conselho de Segurança da ONU.

Eles ainda falaram sobre o aprofundamento das relações bilaterais entre Brasil e Emirados Árabes Unidos, abordando questões de cooperação econômica, investimentos e parcerias estratégicas em diversos setores. Lula reafirmou que vai à COP28, em Dubai, no fim de novembro.

Embaixador de Israel recorre à oposição

» EVANDRO ÉBOLI

Nos últimos dois dias, a Embaixada de Israel no Brasil se aproximou de deputados que integram o grupo parlamentar a favor das relações entre os dois países. As autoridades diplomáticas israelenses pediram a esses congressistas — na sua grande maioria bolsonaristas — que tomem iniciativas legislativas para declarar oficialmente o Hamas como um grupo terrorista. Querem que os deputados manifestem junto ao Itamaraty a preocupação com as “brandas declarações” do ministério a respeito da guerra no Oriente Médio.

O embaixador Daniel Zonshine enviou um ofício aos deputados, anteontem, com esse teor. E, ontem, se reuniu, na Câmara, com vários parlamentares da **oposição**, durante a votação de 15 moções em apoio a Israel e condenando o Hamas.

A apresentação das moções já foi efeito dessas conversas. O ofício, obtido pelo **Correio**, foi enviado aos gabinetes como uma “solicitação de apoio dos parlamentares brasileiros”.

No documento, a Embaixada de Israel classifica o Hamas como uma organização terrorista, que tem o objetivo claro de destruir o país e que, nesse ataque, desejou matar o maior número possível de israelenses.

“O Hamas é movido pelo racismo genocida. Seu objetivo é assassinar judeus, destruir Israel e substituí-lo por um regime brutal de supremacia religiosa”, destaca um trecho.

Entre as demandas do embaixador para os parlamentares

Evandro Éboli/CB



O embaixador Daniel Zonshine pediu apoio à oposição contra postura “branda” do governo federal

Participantes

Estavam no encontro com o embaixador, ontem, na sala da 1ª vice-presidência da Câmara, entre outros, os bolsonaristas do PL: Eduardo Bolsonaro (SP), Nikolas Ferreira (MG), Carla Zambelli (SP), Sóstenes Cavalcante (RJ), Julia Zanatta (SC), André Fernandes (MA) e Cabo Gilberto Silva (PB).

brasileiros, estão “promover e sugerir decisões e legislações para declarar oficialmente e tipificar o Hamas como um grupo terrorista” e “apresentar ao Ministério das Relações Exteriores as considerações e preocupações a respeito das brandas declarações que o órgão tem apresentado sobre essa guerra, bem como

a falta de menção sobre o ataque ter sido um ato terrorista realizado pelo Hamas”.

O deputado e presidente do grupo Brasil-Israel, Gilberto Abramo (Republicanos-MG), comunicou a Zonshine que o grupo pediu uma agenda no Ministério das Relações Exteriores para “externar nossa revolta diante dessa atrocidade e deliberarmos sobre quais caminhos e meios a legislação nos permite, uma vez que o Brasil não pode ficar inerte”.

Abramo afirmou também que o grupo que comanda não é contra os palestinos, mas se opõe aos terroristas do Hamas. “Uma coisa é defender um cidadão palestino, outra coisa é defender um terrorista. Não temos como classificar o grupo de outra forma. Uma organização que usa crianças e mulheres para se

defender não pode ser considerada um exército.”

Intervenção

A aproximação da embaixada com os deputados da oposição se deu antes da posição adotada e anunciada, ontem, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O petista defendeu a intervenção humanitária na região, citou o Hamas e pediu que o grupo terrorista liberte as crianças israelenses sequestradas.

O chefe do Executivo também defendeu que Israel cesse o bombardeio para que crianças palestinas e suas mães deixem a Faixa de Gaza na fronteira com o Egito.

“É preciso que haja um mínimo de humanidade na insanidade da guerra”, escreveu Lula no X, antigo Twitter.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Cessar-fogo para resgate de crianças em Gaza depende de Biden

O Brasil convocou uma nova reunião do Conselho de Segurança da ONU, amanhã, para tratar da crise humanitária na Faixa de Gaza, submetida a intensos bombardeios do Exército de Israel, em razão do ataque terrorista do Hamas, que controla a região, ao território israelense, no sábado passado — com centenas de israelenses mortos e milhares de feridos, além de 150 reféns sequestrados para o território palestino, alguns dos quais brasileiros.

Ontem, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez um apelo ao secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, e à comunidade internacional, em defesa das crianças palestinas e israelenses. “Lancemos mão de todos os recursos para pôr fim à mais grave violação aos direitos humanos no conflito no Oriente Médio”, escreveu no X (antigo Twitter).

Para Lula, são urgentes uma intervenção humanitária internacional e, também, o cessar fogo. Segundo o presidente, o Hamas precisa libertar as crianças israelenses sequestradas de suas famílias. Também é necessário que Israel cesse o bombardeio na Faixa de Gaza, para que as crianças palestinas e as mães delas deixem a área de conflito pela fronteira com o Egito. O problema é que o Brasil não tem um aliado de peso disposto a bancar essa posição.

Enquanto Lula e o presidente da ONU, o português António Guterres, pregam um cessar-fogo. O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, apoia sem quaisquer restrições a retaliação de Israel ao Hamas em Gaza. Mesmo que o preço seja uma crise humanitária que pode provocar o deslocamento de mais de um milhão de pessoas da Palestina.

As imagens dos bombardeios mostram um cenário de destruição em larga escala, com intensos bombardeios, ainda que o Hamas continue lançando seus foguetes de Gaza. A posição de Lula, inclusive, está sendo atacada por Israel, cujo embaixador no Brasil, Daniel Zonshine, reuniu-se com parlamentares brasileiros e pediu que pressionem o presidente a considerar o Hamas uma organização terrorista. Segundo ele, as declarações de Lula são “brandas demais”.

Nos bastidores, o Itamaraty negocia com o Egito para que permita a abertura de um corredor humanitário para saída de refugiados. Tenta, também, um acordo com o Hamas para retirar os brasileiros que estão em Gaza, dos quais sete famílias, com 50 pessoas, já contataram o Itamaraty.

O governo agiu com rapidez e sucesso para organizar a ponte aérea que resgata os brasileiros que estão em Israel. Alguns, com dupla nacionalidade, não somente não podem voltar, como estão sendo convocados pelo Exército para guerra, inclusive os reservistas que moram aqui.

Projeção de poder

Do ponto de vista geopolítico, a posição de Lula segue a tradição do Itamaraty e está em linha com a política da ONU, mas os EUA e Israel não estão nem aí para o Conselho de Segurança. Egito, Arábia Saudita e Emirados Árabes atuam nos bastidores para um cessar fogo, mas também são tão impotentes quanto qualquer outro país árabe. O Irã apoia o Hamas e é contra a existência de Israel. China e Rússia não querem se meter em confusão. É uma situação muito difícil.

Para se ter uma ideia do desequilíbrio geopolítico, os EUA enviaram seu mais moderno porta-aviões, o “Gerald R. Ford”, um cruzador e quatro navios antimísseis para a costa de Gaza, com objetivo de proteger Israel e inibir um eventual ataque do Hezbollah (muito mais poderoso do que o Hamas) na fronteira com o Líbano, o que seria uma nova escalada do conflito patrocinado pelo Irã. O Brasil não tem a menor condição de enviar para a região o navio aeródromo multiuso NAN “Atlântico” (A-140) para levar ajuda humanitária e/ou resgatar os brasileiros que tentam sair de Israel.

Nau Capitânia da Esquadra, atracada no Rio de Janeiro, o “Atlântico” foi projetado para tarefas de controle de áreas marítimas, projeção de poder sobre terra, pelo mar e ar e missões de caráter humanitário, como auxílio a vítimas de desastres naturais, evacuação de pessoal e operações de manutenção de paz. Na Marinha britânica, operou nas guerra civil de Serra Leoa (2000), do Iraque (2003) e da Líbia (2011); no socorro às vítimas de tempestades na Ásia (2009) e no terremoto do Haiti (2017).

A Marinha conhece bem a região do conflito, pois liderou a Força-Tarefa Marítima das Nações Unidas no Líbano (UNI-FIL, na sigla em inglês), em auxílio à esquadra libanesa na proteção das suas águas territoriais, de 2011 a 2020. A fragata “Independência” foi a última embarcação brasileira a participar da missão, com 200 homens, à frente cinco navios de Bangladesh, Alemanha, Grécia, Indonésia e Turquia. Apesar dessa expertise, somente o envio do “Atlântico”, o maior navio da América Latina, para a região, sem escolta, custaria R\$ 25 milhões, no mínimo — recursos que não estão disponíveis no orçamento da Força.

Essa situação ilustra bem a capacidade de ação de Biden, que apoia a retaliação israelense incondicionalmente, e a fragilidade da narrativa humanitária de Lula, sem embargo das críticas ao terrorismo do Hamas e à desastrosa política do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu em relação aos palestinos. Ainda mais agora, que o premiê israelense formou um governo de unidade de emergência, com o líder da oposição centrista e o antigo ministro de Defesa Benny Gantz.

Toda a raiva da oposição israelense contra a reforma judicial de Netanyahu estará congelada até que a situação de segurança de Israel esteja sobre controle.